



## CLARICE LISPECTOR: “DEVANEIO E EMBRIAGUEZ DUMA RAPARIGA”



## CLARICE LISPECTOR: "DAYDREAM DRUNKENNESS OF A YOUNG GIRL"

RAFAEL PACHECO LANES RIBEIRO, UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)  
ISABELA BAIÃO MOL, CENTRO DE ENSINO SUPERIOR  
DE JUIZ DE FORA (CESJF)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 28/08/2014 • APROVADO EM 28/08/2014

---

### Abstract

---

This article proposes to examine the short story "Reverie and drunkenness of a girl," Clarice Lispector, which integrates the work of family ties, published in the 60s, before

the height of the feminist movement. An analysis of the female character from the perspective of a theoretical framework focused on gender issues, thus this work dialogued with considerations of Constance Lima Duarte (2003), Guacira Lopes Louro (1997) and Simone Beauvoir (1980) will be held.

---

## Resumo

---

Este artigo propõe-se a examinar o conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, de Clarice Lispector, que integra a obra *Laços de família*, publicada nos anos 60, antes do auge dos movimentos feministas. Será realizada uma análise da personagem feminina sob o prisma de um referencial teórico voltado para questões de gênero, assim, este trabalho dialogou com as considerações de Constância Lima Duarte (2003), Guacira Lopes Louro (1997) e Simone Beauvoir (1980).

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Intruder; Inhuman; Humanism; Body. Bartleby.

**PALAVRAS CHAVE:** Intruso. Inumano. Humanismo. Corpo. Bartleby.

---

## Texto integral

---

O conto selecionado, assim como outros textos da autora, destaca uma personagem feminina insatisfeita com a condição de mulher que lhe é imposta pelos padrões da sociedade patriarcal. A obra na qual ele se insere, *Laços de família*, reúne outros contos que, em alguns casos com uma sutil ironia, apresentam uma crítica aos laços familiares que limitam e aprisionam as personagens.

Apesar de Lispector não se considerar uma autora feminista, sua obra já enunciava uma conscientização da condição social da mulher. “Clarice jamais prega alguma coisa, jamais tenta ganhar o leitor para uma causa. Apenas enuncia”. (SÁ, 2000 p.94). Nesse sentido, vale ressaltar que o conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” é aqui analisado tendo em vista a concepção de feminismo em um sentido amplo, conforme propõe Duarte (2003):

(...) feminismo poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. (DUARTE, 2003, p.152)

Em relação ao narrador do conto, observamos que predomina o narrador na terceira pessoa— onisciente, que expõe, observa, relata os fatos — e em alguns trechos também há uso de primeira pessoa. A esse respeito, em consonância com Elódia Xavier verificamos que o conto apresenta o monólogo interior, técnica literária que expõe o que ocorre na mente da personagem: “trata-se de um monólogo interior indireto onde pensamentos, por vezes desconexos, são registrados durante o estado de embriaguez”.(XAVIER, 2008, p.55).

O conto retrata a realidade de uma mulher casada, classe média e insatisfeita com a vida doméstica. A personagem é portuguesa, conforme apontam as palavras em português, de Portugal, presentes no texto. Consumida pela rotina e entediada com o papel de esposa e mãe de família, isso desencadeia certa angústia, uma inquietação, pelo estilo de vida que levava, que era imposto às mulheres.”Jogou o pente à penteadeira, cantou absorta: "quem viu o pardal-zito... passou pela jane-la... voou pr'além do Mi-nho!" — mas, colérica, fechou-se dura como um leque.”(LISPECTOR, 1998, p.9)

No conto, observamos que a protagonista transgride o padrão que foi imposto à mulher pela sociedade patriarcal, isto é, uma mulher cujos papéis sociais restringem-se ao de mulher dedicada ao lar, submissa ao marido, frágil, dócil, destinada à maternidade, aspectos que são construções sociais.

Na perspectiva de Louro “Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”. (LOURO,199,p.5). Nessa direção, ressaltamos que a divisão de papéis entre homens e mulheres é uma construção social, não está relacionada à questão biológica, tal como indica Simone Beauvoir (1980):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR,1980, p.9)

Em contraposição aos papéis sociais que foram atrelados às mulheres ao longo da história pela sociedade patriarcal, como mencionamos acima, no conto verificamos que a personagem feminina tem seus sentimentos escondidos, desejo de assumir as suas vontades.

A esse respeito, um ponto importante é o desinteresse da portuguesa para desempenhar o papel de esposa dedicada. Percebemos a rejeição da portuguesa ao marido quanto as supostas funções sociais da mulher como responsável por preparar a comida, como mostra este trecho da narrativa: “Só acordou com o marido a voltar do trabalho e a entrar pelo quarto a dentro. Não quis jantar nem sair dos seus cuidados, dormiu de novo: o homem lá que se regalasse com as sobras do almoço.”(LISPECTOR, 1998, p.10). E também notamos que a portuguesa não se interessava nem mesmo pelo trabalho do marido: “(...) pouco se lhe importava se hoje era dia dele tratar os negócios na cidade”. (LISPECTOR, 1998, p.11).

De acordo com a sociedade patriarcal, na divisão dos papéis é delegada ao homem a responsabilidade de provedor da família, restando à mulher o trabalho doméstico. Nota-se que era esperado da mulher o trabalho doméstico, mas as atitudes da portuguesa contrapõem essa postura exigida pela sociedade patriarcal, pois ela não está mais disposta a realizar esses afazeres.

Ao recusar o beijo do marido, percebemos que a portuguesa também o rejeita no campo sexual/amoroso. O homem, por sua vez, cujo papel social atribuído a ele o fez crer que sempre teria seus galanteios atendidos, diante da situação, recusa-se a acreditar que sua mulher não mais se enquadrava no padrão de esposa ideal, e prefere acreditar que ela estaria doente. A mulher, farta da vida

que levava, aproveita-se da situação e se coloca como doente, como indica o fragmento da narrativa:

Mas quando ele se inclinou para beijá-la, sua leveza crepitou como folha seca:

— E o que tens? pergunta-lhe o homem atônito, a ensaiar imediatamente carinho mais eficaz.

Obstinada, ela não saberia responder, estava tão rasa e princesa que não tinha sequer onde se lhe buscar uma resposta. Zangou-se:

— Ai que não me maces! não me venhas a rondar como um galo velho!

Ele pareceu pensar melhor e declarou:

— Ó rapariga, estás doente.

Ela aceitou surpreendida, lisonjeada. Durante o dia inteiro ficou-se na cama, a ouvir a casa tão silenciosa sem o bulício dos miúdos, sem o homem que hoje comeria seus cozidos pela cidade. Durante o dia inteiro ficou-se à cama. (CLARICE, 1998, 11)

Ao aceitar a idéia de que estava doente, aproveita da situação para ficar entretida em seus pensamentos, seus devaneios. Como ocorre, por exemplo, no início do conto, quando imagina uma conversa com uma outra pessoa:

Bons dias, sabes quem veio a me procurar cá à casa?”pensou como assunto possível e interessante de palestra. “Pois não sei, quem?” perguntaram lhe com um sorriso galanteador, uns olhos tristes numa dessas caras pálidas que a uma pessoa fazem tanto mal. “A Maria Quitéria, homem”, responde garrida, de mão à ilharga. “E se mo permite, quem é esta rapariga?”, inistiram galante, mas já agora sem fisionomia. “Tu”, cortou ela com leve rancor a palestra, que chatura. (LISPECTOR,1998,p.10)

Mas, posteriormente, ela mesma se confunde, estranha o próprio comportamento e chega a pensar que de fato poderia estar adoecendo e repreende-se por isso: “ó mulher, vê lá se me vais mesmo adoecer! Levou a mão a testa para ver se lhe tinha vindo febres”. (LISPECTOR, 1998, p.12)

Outro trecho que ilustra os devaneios e a insatisfação com o casamento é quando a portuguesa imagina um novo amor para si: “Ela ainda à cama, tranqüila, improvisada. Ela amava... Estava previamente a amar o homem que um dia ela ia amar. Quem sabe lá, isso às vezes acontecia, e sem culpas nem danos para nenhum dos dois”. (LISPECTOR, 1998, p.11)

A partir dos trechos citados, verificamos que para a portuguesa o casamento não era sua prioridade, pois, como mencionamos, ela se sente aprisionada, angustiada nesse contexto familiar. Assim, a postura da personagem em relação ao casamento opõe-se ao que seria o casamento para as mulheres de acordo com uma perspectiva patriarcal, conforme expõe Beauvoir (1980):

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido — em certos casos, de um protetor — é para ela o mais importante dos empreendimentos. (BEAUVOIR, 1980, p. 67)

Seguindo nessa direção, a mulher não tinha espaço na sociedade, restando-lhe apenas a ocupação de dona de casa e o casamento como único meio para alcançar a “dignidade social integral”. Assim, se estivesse descontente no casamento, a hipótese de um novo amor era remota e proibida para a mulher até mesmo no pensamento.

Entretanto, para a portuguesa o devaneio seria uma fuga da realidade, de fantasiar e de certa forma questionar a submissão imposta a ela. Logo a portuguesa destoa das mulheres que foram criadas para aceitarem as condições impostas a elas, anulando-as como sujeito e determinando para elas a passividade, como indica Beauvoir:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 1980, p.21)

Segundo a sociedade patriarcal, é esperada da mulher uma postura paciente, de tolerância, e aceitação das imposições e preceitos construídos pela sociedade no decorrer da história, mas como destaca Beauvoir (1980), e como

reforça Louras (1997), as relações, os papéis atribuídos a homens e mulheres não são determinações biológicas, ao contrário, são elaborados no contexto social e cultural no qual eles e inserem:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade ou em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 1997, p.4)

Com relação a esses papéis sociais, de certa forma, a portuguesa se sente culpada por não estar desempenhando o papel esperado, mas também se sente bem com essa transgressão. Ao mesmo tempo em que censura suas próprias atitudes também se vangloria:

Acordou com o dia atrasado, as batatas por descansar, os miúdos que voltariam as tarde das titias, ai que até me faltei ao respeito!, dia de lavar roupa e cezir as peúgas, ai que vagabunda que me saístel, censurou-se curiosa e satisfeita, ir às compras, não esquecer o peixe, o dia atrasado, a manha pressurosa de sol. (LISPECTOR,1998,p.12)

No conto, no que se refere à personagem feminina, notamos a presença do paradoxo como recurso estilístico que delinea seu comportamento, suas atitudes. Ela é uma personagem complexa, pois ao mesmo tempo em que está feliz por não ter feito seus afazeres, também se sente culpada, ao mesmo tempo em que transgride, também apresenta um laço com o ambiente familiar. Isso denota uma complexidade que é própria da condição humana. Sobre essa questão, corroboramos a afirmação de Xavier (2007, p.54), quando ela diz que o paradoxo “é um recurso estilístico que complexifica os sentimentos, aprofunda-lhes a dimensão”.

No decorrer da narrativa, a portuguesa se embriaga em um jantar de negócios do marido. Tenta impressionar o negociante rico, “palestrando” sobre diversos assuntos. Para ela aquele momento, em um restaurante, ambiente

exterior ao espaço doméstico, amplia a sua consciência sobre sua condição de mulher, sua vida, e impulsiona a transgressão em relação ao modelo patriarcal dominante no que se refere a um “padrão” de mulher e ao aprisionamento pelos laços familiares.

Observamos que o comportamento da portuguesa fora da vida do lar se contrapõe ao confinamento doméstico. No jantar, ela se sente mais à vontade e satisfeita, o que se opõe às “mãos maltratadas” que lembravam a vida de dona de casa: “No sábado a noite a alma diária perdida, e que bom perdê-la, e como lembrança dos outros dias apenas as mãos pequenas tão maltratadas.”(LISPECTOR,1998,p.13)

Ainda com relação à transgressão expressa pela portuguesa, destacamos a comparação, feita pela autora, entre o estado da mulher embriagada ao da mulher grávida: “Mas as palavras que uma pessoa pronunciava quando estava embriagada era como se estivesse prenhe – palavras apenas na boca, que pouco tinha a ver com o centro secreto que era como uma gravidez. Ai que esquisita estava.” (LISPECTOR, 1998, p.13). Esse comportamento é considerado incomum para as mulheres, pois a maternidade deveria ser tratada como algo divino e nunca comparada ao mal-estar causado pela embriaguez.

Durante o jantar no restaurante, a portuguesa observa um quadro na parede e aflora a sua sensibilidade artística, conforme indica o trecho: “Ao mesmo tempo, que sensibilidade! mas que sensibilidade! quando olhava o quadro tão bem pintado do restaurante ficava logo com sensibilidade artística. Ninguém lhe tiraria cá das ideias que nascera mesmo para outras cousas. Ela sempre fora pelas obras d'arte” (LISPECTOR,1998,p.14)

O estado de embriaguez da portuguesa a faz perceber que era capaz de desenvolver outras atividades além das domésticas. Indigna-se ao constatar que seu sonho fora substituído pela imposição de se casar e tornar-se uma boa esposa. Essa passagem, citada, coloca em evidência a insatisfação com casamento, com a sua vida, limitada nos afazeres domésticos. Essa insatisfação da personagem está

em consonância com o que é sustentado por uma visão de perspectiva feminista da sociedade:

(...) o mundo doméstico, como o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres,”... Mas ainda, as estudiosas feministas iriam demonstrar e denunciar a ausência feminina nas ciências, nas letras, nas artes. (LOURO,199, p.2)

Ao longo do jantar, a personagem sente-se desconfortável com a chegada de uma mulher, bela e loira, no restaurante. Começa a criticar a mulher: “As mais santazitas eram as que mais cheias estavam de patifaria”(LISPECTOR,1998,p.15). Sente-se humilhada por não portar chapéu, tal como essa moça que acabara de chegar. Instantes depois, sente-se superior ao reparar a cintura fina da moça, pois conclui que a moça não teria condições para parir. “E a santarrona toda vaidosa de seu chapéu, toda modesta de sua cinturita fina, vai ver que não era capaz de parir-lhe, ao seu homem, um filho.” (LISPECTOR,1998,15.)

Ao término do jantar, regressa ao ambiente doméstico, volta a ser dona de casa e reassume o seu papel feminino, tal como ele é postulado pela sociedade patriarcal:

Mas depois de amanhã aquela sua casa havia de ver: dar-lhe-ia um esfregaço com água e sabão que se arrancaria as sujidades todas! A casa havia de ver! Ameaçou ela colérica. Ai que sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leite nas mamas, tão forte (LISPECTOR, 1998, p.18).

A protagonista questiona a sua própria condição de mulher, busca uma espécie de fuga no devaneio e embriaguez, estado que a permite pensar e fazer coisas sem culpas. Porém, ao final do conto, a portuguesa volta feliz (“Ai que sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leite nas mamas, tão forte”) a sua condição de mãe, esposa e dona do lar e a casa volta a ser o lugar de conforto e proteção, mas também lugar de enclausuramento. Esse foi um limite transposto por ela através de seus devaneios, de sua embriaguez e da saída do ambiente doméstico, como ocorreu no jantar, no restaurante. Porém, no desfecho do conto, resignada, desinteressada, a portuguesa olha a lua pela janela e zomba de si mesma— “A lua. Então a grosseria explodiu-lhe em súbito amor: cadela, disse a rir”

(CLARICE, ANO, 18.) —, o que pode ser entendido como auto-crítica, com tom de deboche, pois volta para os laços que a aprisionam. Observamos esse retorno da personagem, não como uma afirmação, mas como uma crítica a uma determinada estrutura social, isto é, ao modelo de família propagado pela ideologia patriarcal.

---

## Referências

---

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida, vol. II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo em literatura no Brasil**. In: Revista Estudos Avançados da USP, n. 49, vol. 17, set./dez. 2003, p. 151-172 (Dossiê Mulher, Mulheres).
- LISPECTOR, Clarice. **Devaneio e embriaguez duma rapariga**. In: \_\_\_\_\_ **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. **A emergência do gênero**. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-industrialista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 14-37.
- SÁ, Olga de. **O tempo**. In: \_\_\_\_\_. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes. p. 90-127.
- XAVIER, Elódia. **Clarice Lispector: a família no banco dos réus**. In: **Revista de Letras**, n.29, v.12, Jan/Dez, 2008.

---

## Para citar este artigo

---

Ribeiro, Rafael Pacheco Lanes; MOL, Isabela Baião. CLARICE LISPECTOR: “DEVANEIO E EMBRIAGUEZ DUMA RAPARIGA”. **Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato.

---

## Os Autores

---

**Isabela Baião Mol** Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2005), e pós-graduação lato sensu (MBA) em Gestão Organizacional, pela Faculdade Estácio de Sá, JF (2005). Durante a graduação, participou da empresa júnior da Faculdade de Turismo da UFJF (RUMOS) e estagiou em algumas empresas, na qual se pode destacar a World Study Intercâmbio, onde foi contratada ao término do estágio. Atualmente é Auxiliar de Biblioteca, na Universidade Federal de Juiz de Fora.